

DO SONHO DO OURO AO ACESSO À TERRA: signos da violência em Serra Pelada e histórias de vida em Palmares II


FROM THE DREAM OF GOLD TO ACCESS TO LAND: Signs of Violence in Serra Pelada and Life Stories in Palmares II

DEL SUEÑO DEL ORO AL ACESSO A LA TIERRA: signos de violencia en Serra Pelada e historias de vida en Palmares II

Jax Nildo Aragão Pinto

Doutor em Saúde Pública ENSP/Fiocruz. Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).


jax@unifesspa.edu.br

 0000-0003-2507-5175

Marcelo Barbalho

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

leitebarbalho@gmail.com

 0000-0001-9206-456x

Marcelo Firpo de Souza Porto

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da ENSP/Fiocruz.

mfirpo2@gmail.com

 0000-0002-9007-0584

Endereços para correspondência: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Rua Rio Grande do Sul s/n, Rondon do Pará, Pará, Brasil. CEP 68638-000. ENSP/Fiocruz: Av. Leopoldo Bulhões 1480 – Manguinhos - 21041210 - Rio de Janeiro, RJ.

Recebido: 20.05.2020

Aceito: 02.07.2020

Publicado: 31.08.2020.

RESUMO:

A proposta deste artigo é mostrar que Serra Pelada (1980-1992), o maior garimpo a céu aberto do mundo, mantém estreita relação com a formação de assentamentos rurais no sudeste do Pará. Para demonstrar que a epopeia dos garimpeiros e a luta histórica dos trabalhadores por um pedaço de terra estão relacionadas há mais de três décadas, são usados dois recursos: uma fotografia feita por Sebastião Salgado em Serra Pelada, em 1986, e depoimentos de ex-garimpeiros que hoje vivem em Palmares II, assentamento criado no município de Parauapebas, em 1996. A discussão tem como base o contexto sócio-político-econômico da fase final da ditadura militar e as primeiras ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Pará.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência; Narrativas camponesas; Serra Pelada; MST.

Introdução

Primeiro, a descrição de uma fotografia de Sebastião Salgado, produzida em 1986 (FIG.1): como uma estátua, o trabalhador se posta firme no chão, com os pés plantados resolutamente na terra, determinado a não ceder um milímetro. Sua mão esquerda agarra a arma do policial. O torso rígido, seus braços fortes e suas pernas musculosas, talhadas nas incontáveis subidas e descidas diárias em escadas improvisadas com sacos de cascalho nas costas, exprimem força e energia. Seu rosto, voltado para o policial e que aparece de perfil para nós, não tem nada de vago ou sereno: é todo concentração. O corpo musculoso do garimpeiro, coberto apenas com um short curto e uma camiseta rasgada, está em perfeito equilíbrio sobre o terreno em declive e contrasta com a figura do militar, fardado e instável. Apesar de diminuído diante da forte presença física do trabalhador, o policial também exprime poder ao encarar o garimpeiro como se tomado pela crença de que é capaz de controlar o mundo à sua volta. A maioria dos espectadores (todos garimpeiros) que acompanha a cena tem seus olhares voltados para os antagonistas. Seus gestos e expressões são facilmente legíveis. Alguns olham com atenção, outros com apreensão e outros com espanto, enquanto uma parcela parece querer sair de perto do conflito.

Figura 1: Garimpeiro desafia Policial Militar em Serra Pelada (1986)



FONTE: SALGADO, 2019, p. 86-87.

Agora, a transcrição do depoimento de um camponês, colhido em 2020:

Trabalhava na terra com meus pais antes da minha aventura em busca de ouro e riqueza. Me tornei garimpeiro, andava por todo

canto que diziam ter um lugar para garimpar. Mas foi em Serra Pelada que fiquei por mais tempo. Vivi tempos de sofrimento e perdas. Hoje, tenho uma vida boa. Deixei a bebida, estou na igreja, tenho minha roçinha, minhas vaquinhas, de tudo um pouquinho. Meus filhos estão formados pela universidade e foi na terra que recuperei minha vontade de viver, de sorrir (COLOMBIANO, 2020).

Sobre a imagem do garimpeiro que desafia o policial é possível afirmar que ela revela muito do conflito e da tensão que estavam presentes na epopeia vivida pelos homens chafurdados na lama, cavando em busca de ouro em Serra Pelada, nos anos 1980. Sobre as palavras do camponês, identificado aqui como “Colombiano”, um ex-garimpeiro de Serra Pelada e hoje morador do Assentamento Palmares II, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no sudeste do Pará, é possível afirmar que elas revelam a grandeza da vida de um homem simples, repleta de luta, dignidade, fé e esperança. A proposta deste artigo é colocar esses dois mundos em diálogo. Ou seja, mostrar que o passado de Serra Pelada, tornado presente pela fotografia de Salgado e pelos testemunhos dos camponeses, desdobra-se nas vidas de homens que, após o fechamento do garimpo em 1992, continuaram a viver na região, substituindo o sonho do ouro pelo da terra.

Portanto, é a partir desses dois universos, o que está contido na imagem fotográfica e o das histórias contadas por trabalhadores rurais do Assentamento Palmares II, no município de Parauapebas, que este artigo se desenvolve. A ideia é demonstrar que o gesto de coragem do garimpeiro e a luta histórica dos trabalhadores pela posse da terra estão ligados há mais de três décadas. Para isso, as condições que envolveram o surgimento do garimpo de Serra Pelada e do MST no Pará serão analisadas a partir do contexto sócio-político-econômico da fase final da ditadura brasileira, das ações dos líderes camponeses para ocupar terras improdutivas e latifúndios grilados¹ no interior do Estado e de depoimentos de assentados em Palmares II.

As entrevistas com os trabalhadores rurais neste artigo remetem a uma metodologia qualitativa usada para dialogar, organizar e interpretar dados, com foco no estudo de caso. Robert Yin (2010, p. 39) explica que “o estudo de caso é uma

¹ O termo “grilagem” está relacionado a uma antiga prática de envelhecer documentos falsos para conseguir a posse de uma área de terra. Os papéis falsificados eram colocados em uma caixa com grilos. Com o passar do tempo, a ação dos insetos dava aos documentos uma aparência envelhecida. A grilagem acontece até hoje devido às deficiências encontradas no sistema de controle de terras no Brasil. Apesar das diversas propostas, o governo nunca implementou um registro único de terras ou um cadastro específico para os grandes proprietários. (cf. TRECCANI, G. D. **Violência e grilagem: instrumentos de aquisição da propriedade da terra no Pará**. Belém: UFPA, Iterpa, 2001).

investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”. Essa estratégia metodológica utiliza técnicas adotadas pelas pesquisas históricas, porém acrescenta fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório do historiador: grupo de discussão, rodas de conversas e uma série sistemática de entrevistas.

A contextualização histórica e espacial do estudo de caso é realizada por meio da interação e cotejamento do caso específico com espaços mais amplos no qual está inserido. A contextualização permite entender o caso como resultante de um processo histórico mais amplo no qual aquele território particular se insere. Isso pode ser feito, por exemplo, através de análises entre o particular e o geral que possibilita uma maior compreensão das proximidades e diferenças daquele território (assentamento Palmares II) com outras escalas socioespaciais, como a estadual (Estado do Pará), a regional (Amazônia), a nacional (Brasil), a continental (América Latina). Para isso podem ser usados mapas, séries históricas e produções teóricas que nos informem sobre aquele espaço em múltiplas escalas e seus vários fenômenos relacionados, entre eles economia, população, saúde e meio ambiente.

Vale ainda ressaltar outro elemento importante da metodologia adotada aqui. Trata-se da identidade entre “sujeito e objeto” (MINAYO, 2007), onde é natural o pesquisador estar imbricado e comprometido com o seu tema, mas sem deixar de questionar, refletir e revelar novos significados, concebendo o trabalho de campo como construção dialógica. Jeanne Favret-Saada (1977) considera que a pesquisa suscita muitos afetos ligados à história pessoal do pesquisador e às suas opções éticas e políticas, além de reflexões sobre as ciências humanas como campo de saber. Os afetos são revelados em uma experiência de alteridade, seja no trabalho de campo, seja por outros meios. Aceitar ocupar esse lugar e se deixar afetar por ele possibilita uma comunicação específica, dialógica e comprometida. Essa práxis pressupõe valorizar processos comunicacionais e diálogos em que as questões, respostas e explicações encontradas para um dado problema de pesquisa são construídas coletivamente, valorizando contribuições e informações descobertas em um contexto dinâmico.

O assentamento Palmares II, lócus de parte desta pesquisa, é resultado da luta e resistência histórica dos camponeses, especificamente ao longo da PA-275, importante rodovia do sudeste paraense que corta os municípios de Curionópolis, Parauapebas e

Eldorado dos Carajás, áreas ricas em minério. Durante o trabalho de campo foram realizadas vinte entrevistas. Os dados recolhidos e observados são, portanto, produto das histórias de sujeitos sociais vinculados às famílias mais antigas do assentamento, que conhecem a história do território e fazem parte dessa experiência coletiva de resistência. Por causa da violência e ameaças que ainda persistem na região, as identidades dos entrevistados foram preservadas – eles são identificados por nomes de países da América do Sul e Caribe.

Um mundo de sonho, violência e condições precárias de vida e saúde

Serra Pelada, o maior garimpo a céu aberto do mundo, atraiu milhares de homens, em sua grande maioria pobres e analfabetos, que, contando apenas com as duas mãos e uma picareta, sonhavam se tornar milionários da noite para o dia. O eldorado amazônico surgiu em 1979, quando a notícia de que um pequeno proprietário de terra havia descoberto ouro começou a levar garimpeiros para uma região distante 153 quilômetros da sede do município de Marabá, no sudeste do Pará. O Brasil atravessava grave crise econômica, com enorme dívida externa, e a mina de ouro era vista como uma possível solução para os problemas financeiros do país.²

Serra Pelada fez parte da estratégia do governo militar de exploração dos recursos naturais da Amazônia, baseada em um paradigma de desenvolvimento exógeno. Concomitante à Serra Pelada, surgiram cidades povoadas por migrantes nordestinos e de outras regiões do Brasil, que depois forneceram mão de obra para erguer a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), hoje denominada Vale. A fundação de Parauapebas é emblemática dessa história. No pé da serra foi estimulado o surgimento do município pelos migrantes empobrecidos, sob articulação e domínio da oligarquia decadente dos antigos castanhais da região. E na Serra de Carajás foi construída a estrutura da Vale, que se tornou proprietária de toda a riqueza mineral da região, e hoje continua sua rapina através do projeto agrominerador, centrado em commodities e acelerado processo de metabolismo social.

Apesar da incerteza em relação ao processo de reprodução social³ e das precárias condições de vida e saúde⁴, milhares de migrantes seguiram para Selada

² Entre 1980 e 1990, o garimpo de Serra Pelada produziu oficialmente 48,3 toneladas de ouro. Devido à evasão de ouro, que pode ser calculada em 25% entre 1980 e 1983 e em 50% entre 1984 e 1990, a produção real corresponde a aproximadamente 56,7 toneladas. Isso representa US\$ 663 milhões – ou US\$ 872 milhões para a produção real (MATHIS, 1995, p. 15).

³A discussão sobre saúde e determinação do processo saúde-doença incorpora a categoria das “condições de vida” como expressão particular dos procedimentos gerais de reprodução da sociedade. Essa categoria atua como mediadora

Pelada – geralmente com idades entre 21 e 40 anos, a maioria era do Nordeste, principalmente do Maranhão, fato comum nos garimpos da Amazônia (MATHIS, 1995). Serra Pelada se tornou um importante assunto nacional. As histórias de riqueza e violência embaladas pela febre do ouro atraíram boa parte da imprensa. O garimpo também se tornou tema para muitos fotógrafos, entre eles Juca Martins, que fez a primeira grande reportagem fotográfica de Serra Pelada, em 1980, e Sebastião Salgado, que iniciava em 1986 um projeto sobre o declínio do trabalho manual, “o fim da primeira grande revolução industrial”. Salgado chegou a Serra Pelada quando a montanha havia sido transformada em buraco, quase todo o ouro retirado e cinquenta mil garimpeiros lutavam para manter seca a cava com duzentos metros de profundidade.⁵

É possível considerar que suas fotografias contribuíram decisivamente para a imagem de Serra Pelada que persiste ainda nos dias de hoje: uma massa densa de corpos que se espalham como formigas por uma cratera gigante e cavam a terra em busca de ouro. Um cenário fantástico, uma típica paisagem hollywoodiana, que remete a uma visão bíblica e a eventos como a construção das pirâmides do Egito. “Nunca, desde a construção das pirâmides por milhares de escravos ou a corrida do ouro em Klondike [que levou cem mil garimpeiros ao Alaska, entre 1896 e 1899], houve uma tragédia humana tão épica”, diz Salgado (1999, p.11). Ao comentar o trabalho do fotógrafo brasileiro, José de Souza Martins (2008, p. 156) afirma que “o épico está na própria brutalidade das cenas, da multidão que atua como formiga, da vontade de sair do nada, de alçar-se acima das possibilidades correntes, de dentro do imenso buraco da escavação”.

As imagens de Salgado evocam também o imaginário de Velho Oeste existente em torno do sul e sudeste do Pará: a coragem e a resistência de milhares de homens

entre os processos mais amplos que conformam o modo de vida da sociedade como um todo e a situação de saúde de um grupo populacional específico. As condições de vida se expressam em quatro grandes dimensões do processo de reprodução social: biológica, ecológica, comportamental e econômica (CASTELLANO, 1991).

⁴ As condições de vida e saúde eram precárias. Depoimentos de ex-garimpeiros que hoje vivem em Palmares II revelam que em Serra Pelada eram comuns doenças como lombalgia (dor na coluna), malária e febre oropouche. No final de novembro de 1994, o Instituto Evandro Chagas (IEC), em Belém, foi notificado de um surto de febre (acompanhada de dor de cabeça e nas articulações) entre os garimpeiros de Serra Pelada. Estudos comprovaram que os casos não eram de malária, mas de febre oropouche, causada pelo vírus oropouche (grupo Simbu, gênero Bunyavirus, família Bunyaviridae). Considerando a elevada positividade de anticópos IH e IgM específica para oropouche em Serra Pelada, se concluiu que a epidemia foi extensa e apresentou taxa de ataque em torno de 83%. Esse número correspondeu à infecção de cerca de cinco dos seis mil habitantes da área. Também era comum os garimpeiros sofrerem intoxicação por mercúrio e problemas provocados por animais peçonhentos, como cobras. (ROSA et AL., 1996).

⁵ Sebastião Salgado só obteve permissão da Polícia Federal, que controlava o acesso à mina, para fotografar Serra Pelada após a saída dos militares do poder, em 1985. O fotógrafo, que na segunda metade dos anos 1960 havia atuado como militante da Ação Popular (AP), uma das organizações de esquerda que combateram o governo militar, antes de se mudar para a Europa, foi monitorado durante a ditadura pelo Departamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi).

que, movidos pela sonho de enriquecer, enfrentavam um mundo duro, cheio de lama, cruzeza e violência extrema. Praticamente todos os dias ocorriam acidentes e conflitos violentos na mina – os casos de assassinatos ou mortes de garimpeiros vítimas de desabamentos de barrancos, no entanto, não causavam comoção a ponto de interromper a busca pelo ouro. A foto do garimpeiro que olha fixamente para um policial militar enquanto segura com firmeza o cano do fuzil do soldado (FIG. 1), uma das imagens mais reproduzidas e, conseqüentemente, mais populares da obra de Salgado, é exemplar dessa situação.

É possível dizer o que se vê na foto de Salgado – como descrito no início deste texto. Mas certamente o que se vê não é tudo o que a fotografia pode expressar – fato que, aliás, é bem típico das fotografias. Ela expressa mais à medida que mais sabemos sobre o contexto em que foi captada. Não que a foto não diga nada a um espectador que desconhece tudo (ou quase tudo) sobre Serra Pelada. A imagem pode dizer muita coisa e certamente evocar outras tantas, dependendo do que ela pode estimular na memória de cada um de nós e da nossa informação prévia sobre o assunto registrado. O significado da foto, portanto, não se limita ao embate testemunhado por Salgado, que suspende o fluxo do tempo no instante exato em que o garimpeiro encara de frente o policial armado.

A fotografia abre a possibilidade de fazer disparar um apelo à memória da época, que não pode ser narrada de modo direto pelo documento visual. O que interessa aqui é o que está além da superfície da imagem, pois ela não reúne em si o conhecimento do passado. O significado da fotografia se encontra mais no olho do observador sobre a cena retratada do que no talento do fotógrafo para registrar as coisas como elas são. É papel do intérprete tentar compreender a imagem fotográfica enquanto informação descontínua de um acontecimento passado. Este é um argumento central para Boris Kossoy (2016), autor de uma metodologia de investigação e interpretação da história por meio da fotografia. Ao discorrer sobre o caráter ambíguo da imagem fotográfica, ele a considera “um meio de conhecimento pelo qual visualizamos microcenários do passado”.

A imagem fotográfica tem muitas faces e realidades. A primeira é a mais evidente, visível. É exatamente o que está ali, imóvel no documento (ou na imagem petrificada do espelho), na aparência do referente, isto é, sua *realidade exterior*, o testemunho, o conteúdo da imagem fotográfica (passível de identificação) a *segunda realidade*, enfim. As demais faces são aquelas que não podemos ver, permanecem ocultas, invisíveis, não se explicitam,

mas que podemos intuir; é o outro lado do espelho e do documento; não mais a aparência imóvel ou a existência constatada mas, também, e principalmente a *vida* das situações e dos homens retratados, desaparecidos, a história do tema e da gênese da imagem no espaço e no tempo, a *realidade interior* da imagem: a *primeira realidade* (KOSSOY, 2016, p. 131, 132).

Ainda conforme Kossoy (2016, p. 132), ao examinar determinadas fotografias, o espectador, quase sem perceber, mergulha no seu conteúdo e passa a imaginar “a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto e ou a própria representação (o documento fotográfico) no contexto em que foi produzido”. Trata-se de um “exercício mental” de reconstituição quase intuitivo. Com base neste pressuposto, a proposta agora é estimular uma reflexão a respeito do contexto onde nasce o gesto do garimpeiro que segura o cano do fuzil do policial militar. Ou seja, pensar sobre como as condições sócio-políticas da época influenciaram a organização do trabalho e contribuíram para manter milhares de garimpeiros sob o controle das forças de repressão.

Um fugaz estado de insurgência

Apesar da aparência de caos, é possível considerar que a atividade em Serra Pelada contava com um núcleo organizado. Logo que o garimpo surgiu, o governo do general João Figueiredo (1979-1985) enviou ao local Sebastião Rodrigues de Moura, o major Curió, ex-combatente na guerrilha do Araguaia. Sua tarefa era assegurar a ordem (ele proibiu o porte de armas, a presença de mulheres e o consumo de álcool), organizar o trabalho (os garimpeiros só podiam cavar a terra verticalmente para evitar invadir o “barranco” vizinho)⁶ e controlar a chegada em massa de mais garimpeiros, além de impedir o contrabando de ouro.⁷ O militar dividiu o terreno em trezentos pequenos lotes de terra (“barrancos”, com área de dois por três metros) e os distribuiu aos pioneiros, de acordo com a ordem de chegada. Os homens que vieram em seguida se tornaram empregados dos “capitalistas” (donos dos “barrancos”).

A intervenção do governo em Serra Pelada, justificada por razões de segurança nacional, levou melhorias ao local, entre elas telecomunicação, um posto de saúde e

⁶ O cascalho era colocado em sacos e transportados pelos carregadores de terra, que subiam dezenas de metros por precárias escadas de madeira, batizadas como “adeus, mamãe”, para depositá-los fora da cava sob vigilância do “apontador”, homem de confiança do “capitalista”. Os sacos eram então levados para uma área de peneiração, também pertencente ao dono do “barranco”.

⁷ O major Curió obrigou que todo o ouro fosse vendido ao posto local da Caixa Econômica Federal (CEF), que pagava à vista, mas abaixo do preço do mercado. Isso, porém, não foi suficiente para impedir o contrabando de ouro.

uma agência da Caixa Econômica Federal (CEF) – no entanto, a população em torno do garimpo, que atingiu o número de 80 mil pessoas em 1983, continuava sem acesso à luz, água e esgoto (MATHIS, 1995). As medidas haviam sido motivadas pelos esforços dos militares em controlar a extração do ouro. Para que a obediência à ordem estabelecida fosse absoluta, havia repressão por parte do interventor do governo. O major Curió afirmou certa vez no discurso com que iniciava as atividades do dia no acampamento: “Aqui o revólver que atira mais alto é o meu!” “Em Serra Pelada ele cumpriria uma das últimas ações de direcionamento da massa por parte da ditadura, a primeira e última em que a ditadura teve êxito no seu sonho de amansar e enquadrar as populações rurais”, diz Martins (2008, p. 156).

A determinação do garimpeiro que enfrenta o policial é, portanto, um ato concreto de transgressão da ordem, um questionamento da legitimidade do agente repressor. Uma atitude desafiadora perante à lei, em uma sociedade que acabara de passar por 21 anos de ditadura militar. O ato do garimpeiro é uma forma de ação política executada por alguém cansado de se submeter a condições precárias de existência. De quem clama por justiça, de quem pede o reconhecimento de direitos e de quem sempre ficou à margem das decisões sócio-políticas do país. Sua reação visceral traz à tona a consciência e a convicção de um sujeito que chegou ao seu limite. Ao articular sentimentos de luta contra a opressão e a injustiça, a fotografia de Salgado pode ser vista como um símbolo de resistência contra o poder policial e como uma reação às forças que se opõem ao trabalhador. Ela remete, enfim, à ideia de um levante.

Segundo Judith Butler (2017, p. 24), um levante acontece quando pessoas começam a se agrupar, a se deslocar, a se manifestar em público e agir para dismantlar o regime ou o poder ao qual se sujeitam. “Esses agrupamentos, deslocamentos, manifestações públicas e ações se baseiam na indignação e na recusa, na convicção de que a sujeição não só foi longe demais, mas que, além de tudo, é injusta” (BUTLER, 2017, p. 29). A imagem captada por Salgado, passível de integrar uma “iconografia das revoltas”, é representativa dessa sensação de que a dignidade, vinculada ao limite moral do que deve ser suportado, foi ultrapassada ou negada. A fotografia do garimpeiro de “coragem admirável” que enfrenta uma “autoridade estabelecida” também se enquadra no que Butler (2017, p. 26) denomina “metáfora estruturante” dos levantes: “a imagem de alguém que se levanta, alguém para quem se levantar representa uma forma de libertação, alguém com capacidade física de se

libertar das amarras, das correntes, dos sinais de escravidão, da sujeição, do feudalismo”.

No entanto, o levante não é algo individual, mas sim “uma convicção partilhada que circula entre pessoas”, segundo a própria Butler (2017, p.29). Não existe levante de um homem só. “O levante é sempre uma aventura coletiva, uma palavra que não existe individualizada”, afirma Antonio Negri (2017, p. 39). Ou seja, quem faz um levante o faz em conjunto e ao constatar um sofrimento inaceitável. A indignação individual do garimpeiro não teve potência suficiente, ou não provocou comoção suficiente, para mobilizar outros garimpeiros a se rebelarem contra as precárias condições de trabalho e a violência policial – o militar havia se comportado de forma demasiadamente agressiva após prender um trabalhador que invadira o “barranco” de outro garimpeiro. Na fotografia de Salgado, a presença de um homem que, de braços cruzados, apenas observa a cena complacientemente é um indício de que a indignação não se propagou. É possível que o desejo individual de enriquecimento fosse mais forte do que a capacidade coletiva de união do grupo. O “nós” não se formou em Serra Pelada.

Da vida de garimpeiro, ‘dura e sofrida’, à conquista da terra

No Brasil, os primeiros assentamentos rurais surgiram em meados dos anos 1980, mas o movimento apenas se tornou mais intenso na década seguinte, quando organizações camponesas se consolidaram como a base para a construção de um outro mundo rural, sem latifúndio e com melhores condições de vida. Os assentamentos eram vistos com estranhamento, medo e preconceito pela população. Esse comportamento estava relacionado aos violentos conflitos de terra existentes em diversas áreas do país, incluindo o Pará (HÉBETTE, 2004; LEITE *et. al.*, 2004). O Pará registrava assassinatos de líderes camponeses e defensores dos direitos humanos desde os anos 1970, quando milhares de brasileiros de todas as regiões, mas principalmente de Estados nordestinos como Maranhão, Piauí e Ceará, atenderam ao chamado do governo e migraram para a Amazônia para colonizar a floresta, vista como estratégica para os interesses nacionais. Por meio da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), o governo ofereceu uma série de incentivos aos interessados em produzir na região. No entanto, os subsídios foram direcionados aos mais favorecidos, como empresários e industriais. Apesar da onda migratória, a maior parte das terras ainda pertencia à União e aos Estados.

No entanto, um novo fenômeno mexeu com a vida das pessoas: a venda e a disputa por terras. Tornou-se cada vez mais comum o comércio de terras, muitas vezes sem controle ou documentação. Era comum os lotes serem cercados sem o devido controle dos militares. Em 1976, o governo promoveu a primeira regularização de terras da Amazônia. Uma Medida Provisória permitiu a regularização de propriedades de até 60 mil hectares que tivessem sido adquiridas irregularmente, mas “com boa fé”. Esse processo, que ignorou programas de assentamentos de reforma agrária, contribuiu para a ocupação desigual da terra e para o surgimento de grandes latifúndios (PEREIRA, 2015; TRECCANI, 2001).

Neste contexto, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surgiu em 1984, no interior do Paraná, com objetivo de chamar atenção da sociedade para a necessidade da reforma agrária. O MST começou a organizar invasões a grandes propriedades improdutivas no interior do país. No Pará, as primeiras ações aconteceram nas regiões sul e sudeste, na passagem da década de 1980 para a de 1990. O MST iniciou um trabalho de base, que reuniu homens e mulheres que, em sua maioria, se encontravam em situação de exclusão social. Eram pessoas de diferentes lugares e origens sociais, como posseiros sem título de propriedade de terra; pequenos produtores, proprietários ou não, atingidos pela construção de hidrelétricas; seringueiros que sofriam com o desmatamento que ameaçava seu modo de vida; assalariados rurais; moradores de periferias urbanas e aposentados que enxergavam no acesso à terra a possibilidade de um complemento de renda (MEDEIROS & LEITE, 2017, p. 29).

Havia também garimpeiros oriundos de Serra Pelada. Era a fase final do garimpo, quando muitos trabalhadores e suas famílias estavam na marginalidade, se deslocando para as periferias de Curionópolis e Parauapebas, cidades que sofriam com inchaço populacional e índices crescentes de violência. “Paraguaio” (2020), que “vivia precariamente e sem esperança”, conta que dois integrantes do MST⁸ foram a Serra Pelada “perguntar quem queria uma terrinha”. “Eu fui um dos primeiros a dizer que queria. Não aguentava mais Serra Pelada. Os moços explicaram que seria preciso lutar e que não seria fácil. Aí eu disse: ‘quem sobreviveu aqui nesse garimpo, sobrevive a tudo’”. A luta por um pedaço de terra parecia a única alternativa para melhorar sua condição de vida.

⁸ “Paraguaio” se refere a Onalício Araújo Barros e Valentim Silva Serra. Conhecidos respectivamente como “Fusquinha” e “Doutor”, eles foram assassinados em Parauapebas, em 26 de março de 1998. Os 22 acusados de serem os mandantes dos crimes, entre eles nove fazendeiros da região, continuam impunes.

Garimpeiros de Serra Pelada participaram de uma das ações que pode ser considerada um marco da implantação do MST no Pará, pois serviu de experiência para o movimento se adaptar a um território rico em recursos minerais, alvo de disputas pela terra e com altos índices de violência contra camponeses, além de contar com forte poder de reação dos latifundiários e da Polícia Militar. Em julho de 1992, 548 famílias invadiram as Fazendas Reunidas Rio Branco, em Parauapebas, núcleo central do Programa Grande Carajás da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). A desocupação da fazenda pela Polícia Militar foi imediata. Enquanto famílias entravam na propriedade, outras já estavam sendo despejadas. Apesar do cenário conturbado, o MST demonstrou capacidade para estabelecer condições materiais e simbólicas para que ex-garimpeiros, ex-agricultores, bóias-frias, meeiros e peões de fazenda continuassem na luta pela terra.

Os sem-terra, movidos pelo sentimento de indignação e de injustiça e pela vontade de não se submeterem ao poder latifundiário, acamparam por cinco meses na sede do Instituto Nacional da Reforma Agrária (Incra), em Marabá, antes de voltarem a invadir as Fazendas Reunidas Rio Branco em dezembro do mesmo ano. Essa nova ocupação resultou na criação de dois Projetos de Assentamento (PAs): Palmares I, conhecida como Palmares Sul; e Palmares II, denominada PA Palmares. Na Palmares Sul, criada em 13 de dezembro de 2001, foram assentadas 327 famílias, que ocuparam uma área de cerca de 9.600 hectares. Na Palmares II, regularizada em 11 de março de 1996, ficaram 517 famílias em uma área de aproximadamente 14.900 hectares. No total, o Incra desapropriou 36.471 hectares das Fazendas Reunidas Rio Branco.⁹

Palmares II se tornou exemplo de resistência e luta social dos camponeses por melhores condições de trabalho, além de espaço de múltiplas relações sociais, trocas de saberes e solidariedade, o que contribuiu no esforço por soluções para problemas como desemprego e sistemas deficientes de saúde e educação. “Da vida de garimpeiro, dura e sofrida, chegamos à de assentado em Palmares II. Não foi fácil. Foi preciso enfrentar a violência”, afirma “Nicaraguense” (2020). Ele conta que há 25 anos não tinha casa nem terra para trabalhar e também não estudava. “Meu pai era garimpeiro, vivia mudando de lugar. Entrei na escola com 10, 11 anos de idade. Hoje, minha filha, de 3 anos, está estudando. Eu e meus irmãos temos casa e uma terra para

⁹ As Fazendas Reunidas Rio Branco pertenciam à família Lunardelli, cafeicultores do Paraná e de São Paulo. No sul do Pará, os Lunardelli eram donos de cerca de 400.000 hectares. Eram proprietários, por exemplo, da Cia. de Terras da Mata Geral (Fazenda Santa Tereza), com 201.528 hectares, em Redenção; da Administração Agrícola Ltda. (NICOBAN), com 143.847 hectares; e da Fazenda da Companhia de Desenvolvimento do Sul do Pará S/A (CODESPAR), com 52.358 hectares, ambas em Santana do Araguaia (MOREIRA; PEREIRA, 2020).

plantar. Meu pai ainda está trabalhando e sobrevive dela. E temos acesso à tecnologia, à energia, à água”. Também assentado em Palmares II, “Paraguaio” (2020) relata a mudança em sua vida:

A miséria me fez sair do Maranhão. A vida na roça era dura. Sem terra, sempre trabalhei para fazendeiros que pagavam pouco e exploravam demais. Vim para o Pará no final dos anos 1970 à procura de uma terrinha, pois diziam que tinha muita. Andei por vários lugares, sempre trabalhando para os malditos fazendeiros. Até que um dia um amigo me falou de Serra Pelada. Disse que tinha muita gente indo pra lá porque tinha muito ouro. Nem pensei duas vezes. Levei toda minha família comigo. Ah, meu amigo, se a vida já era difícil, ficou pior ainda. Sem experiência de garimpo, fui trabalhar para os outros, carregando cascalho. Ganhava somente para comer, e mal. Peguei malária não sei quantas vezes. Trabalhava com febre e tremor. A coluna estragou. Minha família sofreu. Meus filhos não estudavam e até a mulher me deixou. Em Serra Pelada, tinha muita disputa e o ouro não era suficiente para todos. Violência e morte eram comuns nas currutelas. Uns tinham mais sorte e encontravam ouro, mas gastavam tudo nas festas, nos bordéis e nas bebedeiras. Hoje estou aqui, na minha terrinha. A mulher não voltou. Arrumei outra companheira e tenho contato com meus filhos. De tudo, tenho um pouquinho. Mas o mais importante é que tenho dignidade (PARAGUAIO, 2020).

Palmares II continua sendo uma alternativa de acolhimento aos migrantes que chegam ao Pará em busca de trabalho. No assentamento, o MST promoveu a formação de dezenas de lideranças camponesas, atualmente envolvidas em diversas formas de cooperação, associativismo e lutas políticas. O local, que tem cerca de 14 mil habitantes, também é ponto de resistência ao Programa Grande Carajás, projeto de exploração mineral iniciado pela Vale nas décadas de 1970-80. O Projeto Carajás, como também é conhecido, se estende por 900 mil quilômetros quadrados, englobando terras do Pará, Tocantins e Maranhão. O projeto, que atua em uma das maiores áreas de extração de minério do mundo, tem apoio político e econômico de autoridades e empresários locais, regionais, nacionais e internacionais.

Considerações finais

Se a fotografia de Sebastião Salgado que mostra um garimpeiro desafiar bravamente o poder do policial militar pode ser lida como um ato isolado de insurgência, que demonstrou ser incapaz naquele momento de mobilizar outros garimpeiros na luta contra a opressão, a atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) conseguiu criar condições para que ex-garimpeiros de Serra

Pelada tivessem acesso à terra e transformassem suas condições de vida. Os depoimentos de “Colombiano”, “Nicaraguense” e “Paraguaio” são representativos dessa percepção, confirmada pelo trabalho de campo.

A pesquisa indica também que o garimpeiro, que está à margem do sistema capitalista, excluído política e culturalmente, e cujo trabalho é historicamente marcado pela opressão e subalternização, teve papel importante na conformação de assentamentos rurais na Amazônia, especialmente no sudeste paraense – fato pouco destacado pela literatura sobre assentamentos rurais no Brasil, inclusive na Amazônia. Em Palmares II, oito dos vinte entrevistados são ex-garimpeiros, o que representa 40% dos entrevistados. Considerando as rodas de conversa, o percentual de ex-garimpeiros sobe para 50%. A maioria deles esteve em Serra Pelada. Algo que não chega a ser surpreendente, pois a presença de garimpeiros na região é histórica.¹⁰

É possível considerar também que tanto as populações tradicionais quanto os povos indígenas Xikrin do Rio Catete e os moradores de assentamentos rurais da região vivem sob o risco de perder territórios, riquezas naturais e a produção agrícola familiar proporcionada pela região. Os danos ambientais atuais colocam em questão a reprodução social dessa gente e apontam para perigos maiores no que tange às barragens de dejetos produzidos pela Vale no coração da Amazônia Oriental. No entanto, novos atores sociais, filhos dos pioneiros de Palmares II, procuram prosseguir com a saga dos seus pais e antepassados em busca de justiça, paz e melhores meios de vida. Cabe aos pesquisadores das ciências sociais contribuir para dar visibilidade a esse processo.

Referências

BUTLER, Judith. Levante. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

CASTELLANO, Pedro Luis. **Sistemas Nacionales de Vigilancia de la Situación de Salud según Condiciones de Vida. y el Impacto de las Acciones de Salud y Bienestar**. OPS/OMS, Washington D.C, 1991.

COLOMBIANO. **Pesquisa de campo**. Entrevista produzida por Jax Nildo Aragão. Assentamento Palmares II, Parauapebas, 2020.

¹⁰ O surgimento da figura do garimpeiro remonta ao século XVIII e está ligado essencialmente a dois fatores: primeiro, à mineração como atividade ilegal, realizada por migrantes em lugares de difícil acesso, no meio da floresta; segundo, à existência de conflitos violentos, arbitrariedades, desigualdades e injustiças no acesso e na divisão do trabalho, que ignoram os pequenos mineradores.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Os Afetos e a etnográfica** (tradução Márcio Godman). In: Cadernos de Campo n. 13: 149-153, 2005. HARVEY, David. **Os limites do capital**. Tradução de Magda Lopes [1. Ed.]. São Paulo: Boitempo, 2013.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia (1971-2011)**. Belém: EDUFPA, 2004 (volume I).

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição história através da fotografia. In: KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

MARTINS, José de Souza. A epifania dos pobres da terra. In: MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lília Moritz. **8 X fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MATHIS, Armi. **Serra Pelada**. Belém-PA: Paper do Naea No. 50, UFPA, 1996.

MEDEIROS, Leonilde & LEITE, Sérgio (orgs.). **Assentamentos Rurais: Mudança Social e Dinâmica Regional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

MINAYIO, Maria Cecília Souza (Org.). **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ. Vozes, 2007.

NEGRI, Antonio. O acontecimento “levante”. In: **Levantes**. DIDI-Huberman, Georges. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

NICARAGUENSE. **Pesquisa de campo**. Entrevista produzida por Jax Nildo Aragão. Assentamento Palmares II, Parauapebas, 2020.

PARAGUAIO. **Pesquisa de campo**. Entrevista produzida por Jax Nildo Aragão. Assentamento Palmares II, Parauapebas, 2020.

MOREIRA, Edma Silva; PEREIRA, Airton dos Reis. Government and popular participation in the Brazilian Eastern Amazon Region. **International Journal of Advanced Engineering Research and Science**. v. 7, n. 4, Apr. 2020. Disponível em: <https://ijaers.com/detail/government-and-popular-participation-in-the-brazilian-eastern-amazon-region/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

ROSA, Amélia et. Al. **Epidemia de febre do Oropouche em Serra Pelada, Município de Curionópolis, Pará, 1994**. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 29: 537-541, nov-dez, 1996.

SALGADO, Sebastião. La Serra Pelada: les blancs pauvres sous la peau de l'indien. **Serra Pelada**. Paris: Éditions Nathan, 1999.

SALGADO, Sebastião. **Gold: Serra Pelada**. São Paulo: Editora Taschen, 2019.

SALGADO, Sebastião. **Êxodos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRECCANI, G. D. **Violência e grilagem: instrumentos de aquisição da propriedade da terra no Pará**. Belém: UFPA, Iterpa, 2001.

YIN Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4ª ed. Porto Alegre (RS): Bookman; 2010.

ABSTRACT:

The purpose of this article is to show that Serra Pelada (1980-1992), the largest open gold-digging in the world, has a close relationship with the establishment of rural settlements in southeastern Pará. To demonstrate that the epic of the prospectors and the historic struggle of workers for a piece of land have been linked for more than three decades, two resources are used: a photography taken by Sebastião Salgado in Serra Pelada, in 1986, and testimonies from ex-garimpeiros who now lives in Palmares II, a settlement created in Parauabepas, in 1996. The discussion is based on the social-political-economic context of the military dictatorship and the first actions of the Landless Rural Workers Movement (MST) in Pará.

KEYWORDS: Resistance; Peasant narratives; Serra Pelada; MST.

RESUMEN:

El propósito de este artículo es mostrar que Serra Pelada (1980-1992), el tajo abierto más grande del mundo, tiene una estrecha relación con la formación de asentamientos rurales en el sureste de Pará. Para demostrar que la épica de los prospectores y la histórica lucha de los trabajadores por un pedazo de tierra ha estado vinculadas durante más de tres décadas, se utilizan dos recursos: una fotografía tomada por Sebastião Salgado en Serra Pelada, en 1986, y testimonios de ex garimpeiros que ahora viven en Palmares II, un asentamiento creado en en el municipio de Parauapebas, em 1996. La discusión se basa en el contexto sociopolítico-económico de la fase final de la dictadura militar y las primeras acciones del Movimiento de Trabajadores Rurales sin Tierra (MST) en Pará.

PALABRAS CLAVE: Resistencia; Narrativas campesinas; Serra Pelada; MST.